



QUERER O NÃO

cecilia cotrim

ccc – vamos criar cães do congo????????

por favor!

artuh – e escaravelhos amazônicos

tarefa estranha esta, de escrever sobre meu amigo artuh, como se ele tivesse mesmo desaparecido de minha vida ou se reduzido a uma ideia em um horizonte distante, um – lá. pois sei que ainda não acredito inteiramente em seu retorno à ancestralidade, ainda não consigo de todo desfazer-me do sentimento de que uma partícula ínfima de sua energia permanece sartrianamente como um para-mim. como se fosse possível que, mesmo depois da cerimônia de seu axexê, ainda houvesse tal energia disponível, por aí. mas nzambi já terá subsumido a energia de arthur leandro/etetuba/tata kinamboji ao domínio do encantado. e o encantamento de artuh, meu amigo, mano, parceiro artístico, político, meu pai espiritual no candomblé, se dá como um estado lento, do qual não irei desgarrar-me facilmente. artuh é um pensamento que vem agora com um susto, mas com esse mesmo desejo de encontro, a mesma saudade de sempre. e essa tarefa, de escrever sobre artuh, aqui e agora, permanece como algo impossível..... mesmo se já sei que o nó entre nós estará pulsando, e que a inteligência vibrante dele, velozmente, como se fosse uma coisa dita por exu, soprará em minha mente caminhos de escrita.....

[[[um dia, em belém, uma tarde de sábado, depois de participar de um longo ritual no mansu, uma entidade, uma exu, me disse, no corpo emprestado pela sacerdotisa mametu nangetu: eu vou visitar você... meio apavorada fui perguntar a tata kinamboji o que significava a visita.... ele: mana... sabes quando estás na rua e alguém te diz algo, ou percebes algo, prestas atenção a algo acontecendo na rua? sabes quando parece que te lembrás de algo, ou que te surge em mente uma frase, uma ideia? é mais ou menos isso]

será a tentativa de um texto que quer o não, um texto que começa fechado na intimidade, mas entranhado – ao mesmo tempo – na externalidade da vida.... vinculado à intimidade do sentimento, e ao mundo, à rua. um texto como se fosse uma lambida no cu, em público. ou como se estivesse lambendo aquele prato raso com um restinho de pó, – prato branco com frisos coloridos que, quando o rés- se desfez, foi levado com artuh pra sua casinha em santa-teresa – e de santa teresa foi com ele para belém. Mas, enfim, o que exu soprou foi: círculo privado, esfera pública: seria esse o intervalo, a clave afetiva do texto..... escrevo de dentro desse melas – dessa melancolia azul. a picada de escaravelho em macapá, ou a dose fatal de mela – no quintal do urucum...

Arthur Lenadro. Bandeiras

lembrar do trânsito, pensar nos desenhos gerados pela movimentação de artuh.... nesse zigue-zague, em termos de criação de redes, os movimentos do gurgelzinho são os mais radicais, carregado de artixs e propostas de arte, aqui no rio zoando de santa teresa, lapa, copacabana, a caxias-e-etc.... reconfigurando fronteiras, em parceria com muitxs coletivxs... sempre gerando situações subversivxs,,,,,, o pneu na lona, nós dentro/fora cantando muito, o cheiro da mata, o parangolata de edson barrus na lapa alagada, um beijo roubado que virou casamento.... nas paineiras, a história da caixinha de fósforo paraná depois do banho de cachoeira, com tata kinamboji todo amarrado de palha da costa, 4 da manhã, quando a dura foi gravada.... nós todes saindo do colóquio resistências organizado por tati roque, a universidade nômade + o rradial,,,,,,

enfim, não saberia escrever "arthur leandro", e tomar alguma distância.... já que foi contra essa impessoalidade da escrita que se guiou, acho que desde a primeira vez, minha tentativa de escrever sobre arte... abstração e empatia, a disputa irrecusável está aí, envolvendo o nó na garganta, a lambida no cu. lambida no trabalho e na vida de artuh, em público, como se fosse na rampa do maracanã. círculo privado esfera pública – artuh foi um príncipe [muitas vezes maquiavélico] em jogar com essa oposição: não existe coisa mais íntima do que um cu, nem nada mais público do que colocá-lo na rua..., assim ele tenta, em um videodocumento, expor a estratégia de seu projeto de lambe-lambe junto ao grupo atrocidades maravilhosas, quando realiza em serigrafia grandes lambes de seu cu e os cola em tapete, cobrindo a rampa do maracanã...

o exercício de trafegar por entre fronteiras, re-instaurando limites, foi uma tônica nas ações de arthur, perturbando o circuito de arte e expondo

criticamente suas situações problemáticas, em trabalhos de extrema contundência. [instaurações situacionais, é como ho nomeia este tipo de intervenção, em um escrito de fevereiro de 1979.] por outro lado, as demandas políticas estavam na borda de suas ações, insuflando-as.... artuh deflagrava ações quase sempre movendo múltiplas conexões interpessoais: havia muitxs por perto, seja grupos de trabalho temporários, ou coletivos que ele parasitava.... como o rradial, o atrocidades maravilhosas, o rés-do-chão, o movimento rhr, trabalho de laura lima, e o próprio urucum...

há decerto tantos lances de que me esqueci, outros que não vivi.... mas as fumaças sinalizadoras coloridas descrevem bem o humor de artuh, em sua atitude crítica ao circuito de arte carioca. em uma série que eu chamaria de arte=exu, dado o caráter imediato, perturbador, e ao mesmo tempo ambíguo, espreado, da proposta... o trabalho acontecia em situações mais ou menos "constrangedoras" do circuito de arte.... artuh detonava então no ambiente espessas ondas de fumaças coloridas.... vermelhas, amarelas, pretas..... sublinhando assim, em meio ao caos provocado, problemas do circuitinho, como ele gostava de dizer com seu delicioso nh de belém do pará. suas proposições estavam sempre tensionando os limites entre arte//política//rito//vida. seus trabalhos jogavam com as fronteiras entre público e privado, escrevendo-as de novo, desde a famosa fotografia de sua mãe e irmã no banheiro de casa, nuas, pintando o cabelo, que acabou premiada no salão do pará, às multimicro-operações em rede que acionava a partir de seu computador pessoal, ao re[s]latinho, misto de escrita crítica e relato afetivo, mel diário, e até ações de tensão macro, mais molares, como as intervenções da rede-aparelho pelo pará, ou momentos mais pontuais, como o imenso grafite de caralho instalado sob o desfile militar, no rio, em setembro de 2002

– trabalho do php de que artuh participou, ligado ao evento parada, do rés-do-chão. expandindo os limites entre artxs, polítixs, gênerxs, trans-gênerxs, e pan-sexualmente existindo, etehtuhbahhhh é, sempre foi, lugar de mutações.

Arthur Leandro está com Analia Rosário e outras 71 pessoas.

31 de julho de 2016 · Itaituba

Que todos saibam: meu pai foi assassinado e o assassino alegou 'livre defesa da honra' (ou coisa parecida) dizendo que meu pai havia proposto sexo com ele. (isso faz mais de 25 anos)

Meu pai morreu num crime homofóbico e #homofobiamata

Seja o que for, e onde for, eu terei de combater a homofobia. E se por acaso identificarem em mim atitude misógina ou homofóbica, me corrijam em meu nome, e em nome do pai!

esse post de artuh, recentemente republicado numa rede social, explicita sua assunção de uma oposição irreduzível entre o privado e o público. tal irreduzibilidade permeia, acho, tudo o que ele fazia, pensava, e o modo como agia – fosse em suas relações de amizade, em suas trocas no terreiro e com os povos de terreiro, em suas lutas na universidade, nas batalhas com os coletivos de arte, ou nas instâncias propriamente políticas envolvendo as causas e demandas dos povos de matriz africana. e quem não se lembra do pequeno vídeo em que artuh se dirige a marta suplicy em uma reunião política, tipo: pare, agora!?????? ele era um guerreiro que vivia atravessando polos opostos... fazendo fugir as fronteiras. sua posição como homo-bi-pan-sexual, seu pensamento artístico-religioso-político, suas estratégias e práticas eram fundadas na manutenção das diferenças,

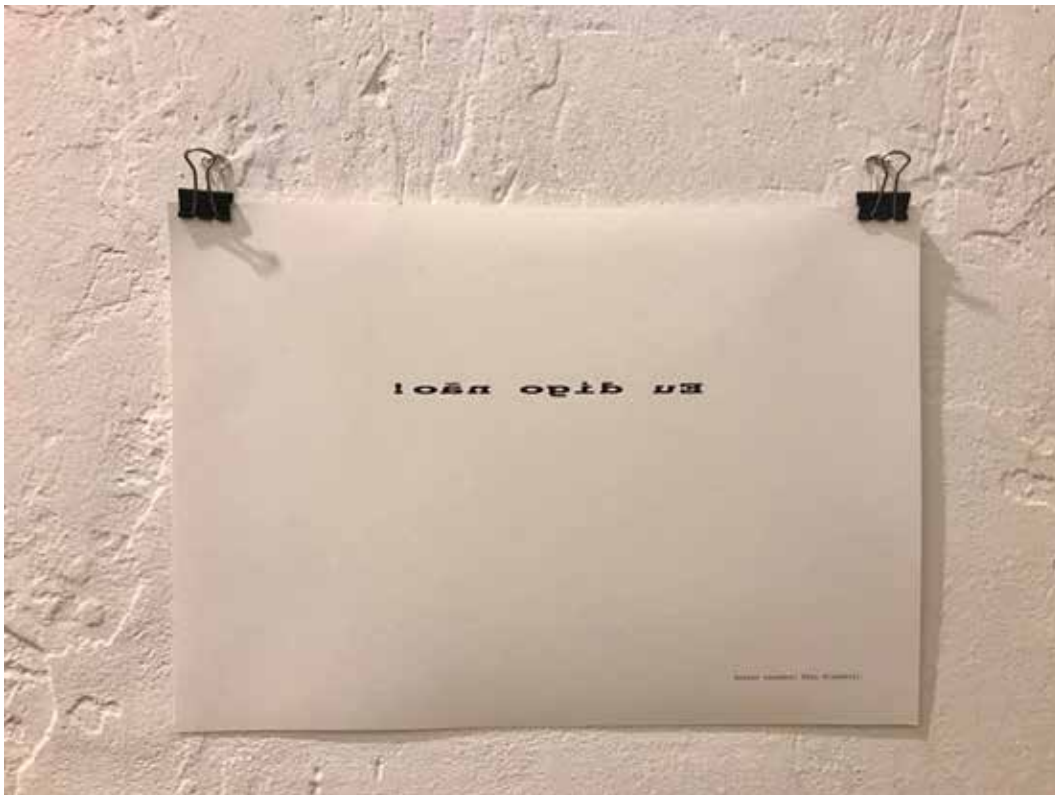
como diz a palavra güera, que artuh se propunha a usar de modo experimental, numa atitude de radical anti-hegelianismo, recusando a razão que tudo resolve como adequação. nesse post, artuh desenha fugas, embaralha fronteiras, mais uma vez explicitando, dessa vez por parentesco, “em nome do pai!”, sua aliança com a causa LGBTi, e seu repúdio a todo modo de preconceito e discriminação por gênero, ou por qualquer outra condição de vida.

a rua, o mundo – a externalidade parece estar, estava, em artuh, completamente encarnada, entranhada, na interioridade, e nas alianças que construía... os polos pulsando em oposição=ativa naquela imensa manifestação de energia xangô. “foi a militância que me levou a fazer arte” – a declaração soa como se fosse ajustar o leitor ao paradoxo, em uma entrevista¹ de arthur leandro/ tata kinamboji com giseli vasconcelos, e reitera uma ética-poética do “ao menos entre-dois”... [como quando artuh afirmava, poeticamente: “eu nunca minto”, ou “não fui eu”.] esse desejo de manter irresolvidas as oposições, em suspenso as perguntas, de relançá-las a cada vez, de “estar sempre no meio”, como alice, ao mesmo tempo acertando em cheio a cada lance, no instante exato da ação..... enfim, arthur leandro é o príncipe do pensamento crítico ao moderno... e à univocidade do sentido. nas suas ações, como ele mesmo apontava, a primeira coisa que é impossível separar é o artista do militante.²

Então, esse é o primeiro ponto da minha experiência. Eu tive uma atividade política forte, na sociedade. Se naquela época [período final da ditadura militar] eram os estudantes, hoje é o movimento negro, afroreligioso e as minorias de uma forma geral – ou seja, um movimento em direitos humanos, uma militância em direitos humanos.

a biografia, a “obra”, e a própria morte de artuh são marcadas por esse cruzamento – quase sempre problemático – de linhas diversas... daí seu caráter intempestivo. embora fosse alguém que assumisse

todas as incoerências e fragilidades entre discursos e pessoas, a posição política e de defesa da liberdade mais radical, era=é sempre primordial. e viva *crudia*=pantera!!!!!!!!!!!!!!



arthur leandro/tata kinamboji. proposta para exposição *Faça vc mesm_*, [um guia de leitura]. mesa. rj, abril de 2018

eu digo não

Eu digo não! *grafado em bold, com a escrita invertida, em impressão pb sobre uma folha de papel a4, pendurada horizontalmente na parede, é a proposição de arthur leandro/tata kinamboji enviada para o projeto *Faça vc mesm_* [um guia de leitura], exposição coletiva inventada por alexandre sá, outro grande xangô, agora em abril de 2018, na mesa, espaço alternativo no morro da conceição, rio de janeiro.... a frase Eu digo*

não! enviada para a ocasião é total movimento de contradição, se pensarmos em seu empenho vital, sua entrega total como ativista, e em tudo o que isso exige de afirmação, não de negação. mas em artuh, quase todos os jogos tendem à explosão de limites. um guerreiro da justiça social, a contestação pela contestação, o gosto pela vaia, pela provocação tola, estavam sempre atravessando as atitudes mais graves de arthur leandro/

tata kinamboji/etetuba. um lado assim delirante-
-cafajeste, outro meio picabia, disputando a [de]
composição de um tipo de humor muito especial.
delicado, jocoso, mas a ser sorvido profundamente,
a ser revivido. cada gesto seu é rasgo, lampejo,
relampejo. sempre mantendo um foco muito in-
tenso em estratégias afirmativas com respeito a
certas minorias, a bêtise e o jogo-dada não se des-
vinculavam entretanto de sua atitude ativista mais
destemida, dedicada às causas que o moviam, aos
direitos humanos – enfim o ativismo vinculado a
uma tarefa de des-apagamento do norte e da cul-
tura dos povos de matriz africana dos mapas con-
temporâneos, vinculado a um desejo de reavivar
a cultura ancestral da amazônia, e a cultura dos
povos de terreiro. essa é a prioridade, a urgência
absoluta no campo em expansão “etetuba”, em
seus trans-atravesamentos de territórios e lugares
de fala. politigüera, artegüera, o sufixo nhengatu
torna indeterminadx, movimenta as linhas e de-
flagra uma conexão entre diferentes temporal-
idades... e esse era um dos principais motivos da
máquina de amor que estamos aqui celebrando,
neste espaço de revista.

no rio de janeiro, artuh atraía e dominava um
trânsito intenso de artistas-etc. em sua casa, um
pequeno chalé antiquinho numa subida arbori-
zada de santa-teresa, qg de tantos projetos em
duplas, trios, ou parcerias mais complexas, como
a que vivenciamos juntxs, organizando a doideira
que foi um número da revista capacete-planet fei-
to em torno de uma entrevista com rés-do-chão
e grupo-empresa, via lista de internet... um pro-
to-zap. foram transtornos a perder de vista.....
na casa, ao longo de uma noite, produzimos tam-
bém uma inesquecível entrevista coletiva do rés-
-do-chão com artur barrio, para a global, pelo es-
critório-sala-quarto-varandinha eu vi passar tanta
arte, tantos projetos... lembro agora de ver, certa
vez, no chão, várias telas de adriano melhem.....
eram situações entre ateliê-reunião-de amigxs-
-e-caixa-de-projetos..... no pátio interno, para
onde dava a cozinha, conversávamos e comíamos
camarão no tucupi.... com guga, vogler, ducha,
ronald, luisão, andre amaral, tato, alê sá, dani
mattos, amelia, romano, ricardo basbaum,,,,,, e
muitxs mais.... me vem à memória o quarto de
grazi kunsch – e, no pátio também, um lanche

arthur leandro, edson barrus, “parangolata” em ação. rio. 2003. foto=revista nóscontemporâneos n. 39. s.p., 2007



vegano e uma conversa com stewart home. na casa de artuh, como no rés-do-chão, recebíamos artistxs, solo ou em grupo – e pensadores, filósofxs, curadores, vindxs de toda parte, para debates informais, apesar de acalorados... e etetuba era assim como uma espécie de nosso departamento de comunicação,,,,,, ele era quem manejava, com grande avidez, e muitas vezes com a ajuda de romano, as relações internéticas com os outros coletivos do brasil, na época, ou entre os grupos em trânsito pelo mundo, durante os açúcares invertidos... mas se era agregador, também podia tornar-se explosivo, vermelho e vertical, quando atravessava as guias na diagonal por sobre a roupa, rachando o chão debaixo de seus pés.....

onde quer que estivesse pousando, havia sempre baldes e baldes de água de cheiro, sua rede, uma máquina para registrar imagens paradas, em movimento, gravar sons, e, sempre, um computador que usava no fim do dia no colo, de preferência na rede mesmo [como no lindo video que grazi kunsch realizou em ananindeua....

a presença de artuh no rio, no momento entre o começo de seu doutorado, em fins de 2003, e a expulsão que sofreu, da ufrj, em meados de 2005, foi fundamental na dinâmica do circuito de coletivos daí.... e tata sempre transitando como um bólido de ideias, atravessando grupos, identidades e coletividades. além de seu contato com os coletivos em atividade na época, em todo o brasil, desde o empreza de goiânia ao grupo-grupo, de fortaleza, ao atrocidades, rradial, imaginário periférico, hapax, galeria do poste, no rio, à casa da grazi, em sampa, mais o valderramas... enfim... desses movimentos todos, em contato com artuh aqui no rio, destaque duas duplas de artistxs que acompanhei mais, e menos, nessa fase ultraintensa: arthur leandro//graziela kunsch, e arthur leandro//edson barrus. a cachorra loura e o cão mulato aprontaram muitas

ações e intervenções no rio, ao lado de etetuba, entre santa-teresa-e-lapa-etc., transitando por esses aparelhos que eram o apartamento de edson barrus na rua do lavradio, onde funcionava o rés-do-chão, e a casa de artuh, ou seu gurgelzinho – que esteve em movimento segurando produções em muitas das jogadas daqueles tempos. artuh e eu participamos de vários grupos de estudos, no rés-, e de alguns debates importantes ali...

por fim, um trio também surgiu, na verdade uma espécie de apelido amoroso.... dividido entre parceiros. foi depois do incidente envolvendo um programa de pós na ufrj, e a école d'art d'avignon, que o teria impedido de terminar seu doutorado: surgiu daí o trio "as loucas de metz".... nome aproveitado de uma delação premiada que acusava arthur de improbidades não sei de que tipo, mas afirmando que ele teria enlouquecido durante uma vivência do rés-do-chão em metz, comigo e com o cão-mulato... voltando então, insano, a avignon. alors, entre verdades e não verdades, passamos a designar o trio edson-arthur-ccc desse modo..... e viramos as loucas de metz.

dos tempos do urucum aos do urucum-do-b, arthur leandro acompanhou bem de perto o trabalho de edson barrus na gestão do rés-do-chão, e interferia intensamente no que ricardo basbaum acertadamente nomeou convívio experimental, em um diagrama [2000-2003]. se você recebesse um telefonema pelo meio da tarde, em que um membro do grupo empreza, não menos que babidu, convidava para um encontro de coletivos no rés-do-chão, podia saber que ali havia uma artimanha qualquer de etetuba, e que iria rolar algum tipo de maluquice..... ou doidice, como ele dizia...

dentro desse espírito de intensificação das políticas da amizade, houve um momento, em final de 2003, no rio, em que um desconvite por parte de



artur leandro. mam.rio. foto=capa da revista nóscontemporâneos, rés do chão como um satélite, ny, 2003-2004

uma instituição de pós-graduação eliminou edson barrus de uma apresentação em grupo que se intitulava lama [dani mattos, rubens pileggi e eu participávamos dessa apresentação, na mesma mesa em que estava o grupo empreza]. artuh aparece, então, na cinemateca do mam, local do encontro, portando de modo gigantesco uma camiseta onde se lia: “eu não faço parte dessa lama”. podíamos sempre contar com a presença estratégica, política, humorada e amorosa de etetuba. ele fazia arte-politi-güera: os projetos desenvolvidos nas múltiplas parcerias, como todas as infinitas redes artivistas que deflagrou no pará, e mesmo desde o “desculpem o transtorno”, de 2002, em que o urucum transformou em pó, com o auxílio de várias moto-serras, no mezanino do palácio capanema, imensas toras de açacu rejeitadas pelos rios no pará, e trazidas até o centro do rio de ja-

neiro sabe-se lá como..... são gestos ambiciosos e desmedidos, marcados por uma potência destabilizadora e um desejo de liberdade avassalador, desejo de expansão crítica do campo e dos conceitos da arte contemporânea, e da própria noção de prática política. experimentando até a exaustão os limites entre artista e militante, artuh criou situações de risco e contextos embaraçosos em suas parcerias, como as diversas vezes em que lançou as fumaças sinalizadoras de condições de abuso..... ou mesmo quando atuava em projetos que reuniam muitos coletivos e artistas pelo brasil afora, como as várias edições do açúcar-invertido, organizadas pelo rés-, ou os eventos que organizou no norte, como o res-qui-nós-cio, na universidade federal de amapá, em macapá, 2004, e o arte-rito-rua-güera, na federal do pará, em belém, 2005 – nessas duas ocasiões, ele reuniu propostas altamente disruptivas, vindas de toda parte do brasil.... foram eventos plurais, que se desdobraram bem para além do que se convencionava chamar de debate universitário....

mas, voltando..... o dispositivo crítico aos editais de salão gerado pelo projeto rejeitados, nono salão da bahia, vem do encontro entre grazi kunsch e artuh: antes de ser disseminado na net, o projeto foi inventado pelos dois... ofereço a grazi e a esse projeto espaço, aqui, para um re[s]latinho //// dando, neste momento desafiador que vivemos, um final feliz a esta pequena homenagem..... feliz, dentro da saudade imensa de etetuba, dentro de um mar de desejos de uma liberdade=etetuba para o mundo.

feliz, como naquele fim de palestra do stewart home, na praça tiradentes, em que artuh me chamou baixinho: mana, bora com a grazi... .. e foi uma instauração situacional [termo de ho que incorporo aqui às ações deflagradas por, ou com// artuh], uma ação com muitxs, no metrô do



arte-rito-rua-güera, vestimentas de laura lima, belém, mansu nangetu, 2005

rio, uruguaiana-pavuna, ida e volta, carnes/faces/
frases/cheiros/pensamentos/temperaturas.....
aquecimento coletivo, esquentando a máquina
de afetos na cidade como na explosão de fumaça
vermelha no centro ho, numa esquina durante um
evento de arte, no rés-do-chão... a fumaça ama-
rela na visita do curador da documenta, e em tan-
tas outras situações=críticas que tocavam nosso
xangô.....

ccc³, primavera de 2018

Arthur pé de jambo

Agradeço à Cecília por cada caldo com tucupi, pi-
menta, jambu e uma série de mistérios que fazem
o corpo da gente inteiro suar e por me deixar parti-
lhar seu texto, que traz meu mano aqui para perto.

Com Arthur era assim mesmo, juntar uma pessoa
com a outra, “você precisam se conhecer”.

Morei em um quartinho da casa de Arthur Lean-
dro no Rio durante um ano, uma ou duas noites
por semana apenas, e não me lembro de sua casa
sem a presença de um monte de gente. Tínhamos
momentos solitários e silenciosos, é claro, mas ao
menos uma vez por dia havia outras pessoas pas-
sando um tempo ali. No nosso último encontro
físico, em Ananindeua, pude conhecer sua enor-
me família, a Irmandade dos Rosário, que hoje é
um pouco uma família minha também. De longe,
a gente se aproxima na saudade, em cada foto
postada por Anália, quase diariamente. Quando
estive lá, fizemos um mutirão de plantação de ár-
vores. Plantei na terra, na mata, a muda de pé de
jambo cultivada por Maria Rosário. Arthur queria

que toda a rua principal de Ananindeua tivesse pés de jambo e piso de um tipo de paralelepípedo, que deixaria passar a água da chuva. Os pés de jambo, além de dar frutos, fariam sombra e deixariam esse chão sempre bom de pisar descalço. Ele contava isso para as crianças, para elas imaginarem outros modos de fazer as coisas, no lugar de sonhar com asfalto.

...

Dá vontade de rememorar toda a nossa história aqui, cada encontro, desde 2001. Mas há coisas que não cabem. E esse era o mote dos rejeitados, que criamos juntos, na manhã após a festa de encerramento da casinha (Casa da Grazi), em 3 de agosto de 2002, a festa "Demolidora Alvorada". Elaboramos um "critério de exclusão" no nono Salão da Bahia, que dizia assim: "Só me aceito se o outro for aceito: este trabalho só poderá ser apresentado/aceito se todos os demais trabalhos chamados rejeitados forem aceitos". E convidamos 31 coletivos de arte a enviarem projetos ao nono Salão, intitulado seus projetos como "rejeitados" e incluindo na ficha de inscrição, que na época era impressa e preenchida manualmente, o critério de exclusão. Como o salão aceitava apenas 30 artistas, a nossa intenção era inviabilizá-lo ou transformá-lo radicalmente: se escolhessem uma das propostas rejeitadas, teriam que escolher todas as demais (que não eram apenas 31, mas 1700).

...

Não caber nos define. E bem pouca gente vai entender profundamente o significado disso, talvez o Ducha, que também sentiu muito a passagem do nosso amigo. Arthur Leandro não cabia. Foi por vezes presença incômoda. Sorte a de quem pôde ver a beleza da sua inadequação.

Grazi

NOTAS

1 "n'aruanda só se pisa devagar". conversa entre arthur leandro [etetuba, tata kinamboji //] e giseli vasconcelos. periódico permanente nº 05, abril de 2014. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-5/revista/numero-5>.

2 ibid. <http://www.forumpermanente.org/revista/numero-5/textos/n2019aruanda-so-se-pisa-devagar>.

3 CCC, de caldos de cecilia cotrim, entre outras variações, foi o nome que artuh deu ao trabalho das sopas, espécie de coletivo de cozinha que se montava p/ acompanhar algumas das sessões das quarentenas, ou das noites de performance, debates, residências ou seminários do rés-do-chão. daí em diante, ele me chamava assim, falava de ccc para outras pessoas, ou, quando o tema era forte, me dizia: ccc... usando seu dó mais grave.